

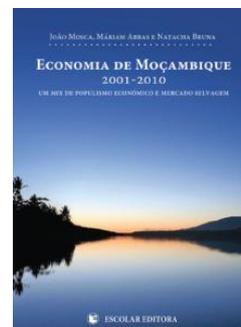
ECONOMIA DE MOÇAMBIQUE 2001-2010: UM MIX DE POPULISMO ECONÓMICO E MERCADO SELVAGEM

João Mosca, Máriam Abbas e Natacha Bruna

6.05.2013

Apresentação por:

António A. da Silva Francisco¹



Qualquer esforço intelectual em elevar o debate sobre a economia moçambicana para um patamar de qualidade superior à vulgar opinião de circunstância, é bem-vindo. Nesse sentido, começo por congratular os autores desta obra: João Mosca, Máriam Abbas e Natacha Bruna. Congratulo-os pela feliz opção de juntarem trabalhos de pesquisa realizados em momentos diferentes – alguns deles, produto de teses de licenciatura, numa obra sobre a economia moçambicana na 1ª década deste século XXI.

Quando recebi o telefonema de João Mosca a convidar-me para apresentar este livro, por alguns momentos ainda me passou pela cabeça descartar o convite; mas quando me anunciou o título - *Economia de Moçambique 2001-2010: Um Mix de Populismo Económico e Mercado Selvagem*, qualquer resistência que por momentos contemplei desapareceu.

A curiosidade provocada pelo título, foi imediatamente substituída por uma crescente ansiedade que só a leitura do livro acalmou e saciou. Não vou ocupar o tempo que me foi concedido para repetir o que está no Índice, ou no Prefácio e sua Introdução, que pode ser facilmente captado sobre a origem, contexto e organização deste livro.

Uma obra, sobretudo baseada em trabalhos de pesquisa académica, que não inspire novas questões de pesquisa, é uma boa obra? Talvez seja, na perspectiva de culturas que valorizam mais as respostas do que as perguntas inteligentes e a identificação dos problemas. Sendo este o ambiente prevalente na nossa sociedade, este livro pode bem

¹ Professor Associado da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e Director de Investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).

contribuir para o desenvolvimento de uma cultura académica indagadora, inovadora e crítica.

No final do Prefácio, o Prof. Dipac Jaantilal afirma e com razão, que a partir desta obra muitas interrogações e aprofundamentos são possíveis e necessários. Sem qualquer pretensão em aprofundar nenhum dos temas específicos do livro, permitam-me que aproveite esta oportunidade para ilustrar o que o prefaciante afirma.

Neste momento, três aspectos merecem ser destacados:

1. O que é que este livro poderia ter sido, mas não é? Felizmente... não é!
2. Estamos perante uma obra heterodoxa?
3. O “Mercado selvagem” moçambicano, reflexo do liberalismo ou caricatura do neo e anti liberalismo?

1. O que o livro poderia ter sido, mas não é? Felizmente, não é!

O livro reúne uma extensa, interessante e útil informação económica, tanto estatística como de economia política, tratada de forma descritiva, analítica e crítica. Compreende uma breve e parcial, mas interessante revisão da literatura sobre os modelos de crescimento económicos, que directa ou indirectamente, estão por detrás de diferentes políticas económicas, que ao longo da década passada, vêm sendo implementadas em Moçambique. Articula várias metodologias e técnicas de análise de dados estatísticos. Compara os principais indicadores internacionais sobre competitividade e ambiente de negócios. Analisa a evolução, na primeira década do corrente Século XXI, de áreas fundamentais da economia nacional, nomeadamente: orçamento de Estado; balança de pagamentos, investimento directo estrangeiro, crédito e cooperação.

O equilíbrio alcançado entre a conceptualização teórica e a aplicação empírica, fazem desta obra uma referência útil, do ponto de vista pedagógico e didático. Sabemos (sobretudo nós professores) que a articulação entre a identificação e definição de problemas de pesquisa e a verificação ou teste das hipóteses através de dados empíricos, constituem um grande

quebra-cabeças para os estudantes, tanto de economia como de gestão. Esta obra é portanto, uma boa referência de inspiração para novas pesquisas académicas.

Para os estudantes no fim dos seus cursos e para os estudantes em geral recomendo que busquem e usem esta obra em várias disciplinas; meditem e tentem perceber, se possível replicar e confirmar os métodos aplicados pelos autores. Claro, se tiverem a sorte (para azar dos autores) de identificarem algum erro nos cálculos, não hesitem! Façam o mesmo que recentemente fez um estudante de doutorado, Thomas Herndon, quando descobriu um erro na fórmula de Excel dos dados usados pelos famosos economistas Kenneth Rogoff e Carmen Reinhart.²

Se descobrirem algum erro de cálculo, não hesitem em advertir os autores, ou discuti-lo nas aulas, ou ainda apresenta-lo em revistas públicas. O Prof. Mosca e colegas certamente não ficarão aborrecidos. Se ficarem aborrecidos, em vez de agradecidos, não se importem - o tempo, quando não mata, cura. Quem apta pelo trabalho académico deve estar preparado para este tipo de situações, muito em particular quando lidam com material empírico. Erros, fazem parte da investigação e de um salutar processo de construção da ciência.

Considerando a vastidão e complexidade dos assuntos abordados no livro, os autores poderiam sentir inclinados a converter este trabalho, numa simples compilação de dados estatísticos económicos, no formato típico divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Quando me refiro ao INE, não é porque considere os seus produtos de má qualidade; ou porque considere que o INE devia ir além da compilação, mais ou menos enfadonha, de tabelas de dados estatísticos. Esse é o papel do INE, mas se Mosca e colegas tivessem optado por algo similar, teria sido um desperdício do ponto de vista do exercício analítico e crítico que se espera de um intelectual.

² Polémica causada pelo ensaio de Rogoff e Reinhart de 2010, intitulado *Growth in a Time of Debt*, em que os autores mostravam empiricamente que um rácio da dívida sobre o PIB (produto interno bruto) superior a 90% era prejudicial ao crescimento económico. Rogoff e Reinhart são os autores do livro, *This Time Is Different: Eight Centuries of Financial Folly* (Esta vez é Diferente: Oito Séculos de Delírios Financeiros), o qual apresenta uma crítica brilhante aos governantes em geral, baseada na análise de crises financeiras num período de oito séculos em 66 países dos 5 continentes. Recentemente, o doutorando de 28 anos, Thomas Herndon, ao querer replicar o método aplicado no artigo de Rogoff e Reinhart, acima referido, como não estava a conseguir os mesmos resultados contactou os autores que lhe cederam a sua base de dados. Surpreendentemente, Herndon encontrou alguns erros na construção da folha de cálculo, suficientes para ele próprio, em co-autoria com dois dos seus professores, publicarem um ensaio com o título *Does High Public Debt Consistently Stifle Economic Growth? A critique of Reinhart and Rogoff*. O “erro” de Rogoff e Reinhart tem sido amplamente noticiado na imprensa internacional, gerando muita controvérsia e aproveitamento político em torno da questão dívida.

2. O Capítulo Mais 'Sexy'

O Capítulo I é o artigo principal do livro. Direi que é a parte mais sexy, em todos os sentidos, excepto, no sentido literal do termo. Por isso, ao perceberem o valor apelativo, atractivo e sugestivo do seu título, os autores converteram-no no sub-título do livro. Uma boa opção de marketing intelectual, tendo em conta que o livro contém muitos dados estatísticos e, como diz uma frase famosa, “A estatística é como um biquíni, mostra tudo, mas esconde o essencial”.

O sub-título é suficientemente sugestivo mesmo antes de lermos o artigo, de forma a percebermos que o respectivo capítulo deve ser lido com olhos pensante, analíticos e críticos. É um capítulo para pensar e repensar, saborear e reflectir, em vez de “meter à boca”, perdoem-me a expressão, e simplesmente engolir sem mastigar.

Os demais capítulos, incluem descrições, tabelas de dados, gráficos e análises, que merecem uma reflexão cuidada, por mais irrelevantes ou incontroversos que possam parecer à primeira vista. Na Introdução, os autores advertem: “Considerando a autonomia dos capítulos, o livro não possui uma conclusão/resumo. Cada capítulo contém esta secção relacionada com o tema específico”.

Porém, a partir da reflexão apresentada no Capítulo I, considero a referida autonomia aparente. O Capítulo I não defrauda as expectativas criadas pelo sub-título. Não o digo porque concorde em absoluto com a sua abordagem – na verdade, em vários aspectos não concordo - digo-o, porque quanto mais penso na abordagem em torno dos conceitos de “populismo económico” e “mercado selvagem” mais razões encontro para resistir à tentação de concluir, a partir do argumento principal, que o problema principal do populismo económico e do mercado selvagem é causado pelo liberalismo.

Não me vou adiantar neste ponto, porque este não é o momento para debater sobre as implicações das análises possíveis, gerais e específicas, deste livro. Partilho apenas uma ideia muito importante da filósofa, Any Rand; convém que se diga, não é uma filósofa qualquer, mas sim uma das principais pensadoras do liberalismo clássico; um liberalismo, infelizmente, muito mal usado e abusado pelo chamado neoliberalismo que este livro expõe e critica:

Quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada;

- quando comprovar que o dinheiro flui para quem negocia não com bens, mas com favores;

- quando perceber que muitos ficam ricos pelo suborno e por influência, mais que pelo trabalho, e que as leis não nos protegem deles, mas, pelo contrário, são eles que estão protegidos de você;

- quando perceber que a corrupção é recompensada, e a honestidade se converte em auto-sacrifício; então poderá afirmar, sem temor de errar, que sua sociedade está condenada.

Estará a sociedade moçambicana condenada e a maioria de nós ainda nem se apercebeu?

Os autores optaram por não apresentar uma conclusão geral, mas em momento algum desencorajam o leitor de o fazer. O que sujiro, é que não tirem conclusões precipitadas. Após uma reflexão cuidada, prevejo que algumas delas irão contra as expectativas, que de imediato, a análise aponta. Ao abordar o modelo ou modelos económicos prevalectentes, o livro deixa bem claro a sua dissonância e distanciamento da ortodoxia dominante no Moçambique de hoje.

3. Uma obra heterodoxa?

Tem sentido designar esta obra como um trabalho heterodoxo? Sim e não. Do ponto de vista do dicionário, sim; o livro pode ser considerado heterodoxo, se por heterodoxia se entender uma opinião diferente, ou uma abordagem contrária ao padrão ou dogma oficial dominante. Porém, quando vemos certos analistas apresentarem-se como heterodoxos, unicamente porque deixaram de poder continuar a defender a ortodoxia que já nos dominou, hesito em classificar este livro de heterodoxo.

Do que conheço do seu autor principal e do que pude perceber da leitura efectuada, não me parece que João Mosca critique a ortodoxia económica, actualmente dominante em Moçambique, apenas porque deixou de ter a oportunidade de implementar o socialismo, que em anos passados, acreditou que oferecesse uma boa alternativa para a economia moçambicana.

Nesta obra, Mosca deixa claro ter suficientes motivos, para reconhecer o que os liberais clássicos e contemporâneos (não os neoliberais!) demonstraram teoricamente há muito tempo, que os diferentes modelos socialistas implementados ao longo do Século XX, viriam a ser uma tragédia para milhões de pessoas no Mundo inteiro. Mosca parece convencido, para não dizer vencido, quanto à inviabilidade e insustentabilidade económica do socialismo. O que não deixa claro neste trabalho, é se o capitalismo do laissez-faire, no sentido da mão invisível de Adam Smith, que nada tem a haver com o “deixa-andar” (ou “deixa-fazer”), é consistente com o tipo de caricatura de economia de mercado existente em Moçambique.

4. Conclusão

Não é preciso concordarmos com todas as interpretações e análises expressas pelos autores do livro, para o considerar uma obra valiosa, provocativa e sobretudo estimuladora de reflexões oportunas e úteis, em vários sentidos: técnico, metodológico, didáctico e sobretudo político. Precisamos deste tipo de contributos intelectuais para edificarmos um pensamento económico crítico, proactivo e interveniente.

Muito poderia adiantar sobre esta rica e inspiradora obra, mas não é o momento para o fazer. Concluo com duas observações finais. Agradeço ao João Mosca a oportunidade que me deu de ler mais uma obra sua e a honra de a apresentar, neste acto público.

Finalmente, para os que ainda não leram o livro, convido-vos a fazê-lo. Não se arrependarão, sobretudo se o fizerem com espírito indagador e aberto; com pensamento crítico sobre as ideias, exemplos e argumentos apresentados. Não menos importante, ainda quanto à conclusão geral, que os autores preferiram não explicitar, espero que cada um de vocês descubra como poderá Moçambique evitar tornar-se uma sociedade condenada.